

NARRATIVAS NA PESQUISA BIOGRÁFICA EM EDUCAÇÃO: EXPERIÊNCIAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DIFERENTES CONTEXTOS EDUCATIVOS

Eixo 4 – Práticas Educativas em espaços escolares e não escolares

Vanessa Alves dos Santos⁷¹
Lohainy Cristina Almeida Jardim⁷²
Sandra Novais Sousa⁷³

Introdução

A Pesquisa Biográfica em Educação tem se consolidado como uma importante abordagem para compreender diferentes fenômenos educativos a partir das experiências, memórias e narrativas dos sujeitos. Ao reconhecer que crianças, professores, famílias, lideranças comunitárias e outros atores produzem conhecimentos sobre suas próprias vivências, esse campo de investigação amplia as possibilidades de compreensão da realidade educacional para além dos documentos oficiais e das análises exclusivamente quantitativas. As narrativas tornam-se fontes relevantes de pesquisa, pois permitem conhecer como os sujeitos atribuem sentidos às suas experiências educacionais e às relações que constroem nos diferentes espaços educativos.

Este resumo expandido apresenta aproximações entre duas pesquisas de iniciação científica desenvolvidas no âmbito do Projeto “Relações educativas na perspectiva dos atores educacionais: tecendo narrativas de crianças e docentes em formação”, desenvolvido pelo Grupo de Estudo e Pesquisas em Narrativas Formativas (Gepenaf), da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). O projeto reúne diferentes investigações organizadas em eixos temáticos que têm em comum a utilização da Pesquisa Biográfica em Educação para compreender as relações educativas a partir das narrativas de diferentes sujeitos, como crianças, professores, estudantes e membros de comunidades. As pesquisas dialogam entre si por compartilharem um mesmo referencial teórico-metodológico, embora abordem objetos e contextos distintos.

As pesquisas são vinculadas ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (Pibic), sendo uma financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e outra pela Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul (Fundect).

Embora investiguem contextos distintos, ambas se fundamentam na Pesquisa Biográfica em Educação e utilizam as narrativas como principal fonte para produção dos dados. A primeira pesquisa, vinculada ao eixo “Narrativas infantis, formação e profissão docente”, busca compreender como crianças de uma brinquedoteca universitária produzem sentidos sobre diferentes aspectos da vida social por meio de suas narrativas durante as brincadeiras. A segunda, inserida no eixo “Memória e história da educação e de instituições educativas”, investiga a trajetória histórica da Escola Municipal Indígena Alexina Rosa Figueiredo, localizada na Aldeia Buriti, em Dois Irmãos do Buriti, MS, a partir das narrativas de idosos - uma anciã da comunidade e de um professor que participou da consolidação da instituição.

⁷¹ Estudante do curso de Pedagogia, Faculdade de Educação (FAED), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Bolsista do programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC). E-mail: vanessa.alves.santos@ufms.br.

⁷² Acadêmica do curso de Pedagogia, Faculdade de Educação (FAED), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: lohainy.jardim@ufms.br.

⁷³ Doutora em Educação, professora da Faculdade de Educação (Faed) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisas em Narrativas Formativas (Gepenaf). E-mail: sandra.novais@ufms.br.

Dessa forma, partindo destes dois contextos de investigação no âmbito da iniciação científica, este trabalho tem como objetivo compreender os significados que os sujeitos (crianças e idosos) atribuem às suas vivências e às relações estabelecidas nos diferentes contextos educativos.

Como procedimentos metodológicos, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, a partir de autores e obras que dialogam com o referencial teórico adotado e com as temáticas de cada pesquisa, bem como a análise das fontes narrativas produzidas, incluindo diário de campo – com as anotações das pesquisadoras - e transcrições de gravações de entrevistas ou rodas de conversa.

A análise das fontes empíricas foi realizada a partir da análise compreensivo-interpretativa, proposta por Elizeu Clementino de Souza⁷⁴ (2013, p. 46), na qual, por meio da leitura e triangulação das fontes, o pesquisador busca encontrar, a *posteriori* e não a *priori*, “unidades de análise temática”, ou seja, unidades que emergem do “sistema de referência de cada sujeito quando narra sua própria história”. Segundo Souza (2013, p. 46), isso “exige leituras e releituras individuais e em seu conjunto do corpus das narrativas, recorrendo aos agrupamentos das unidades de análise temática e/ou ao conjunto das narrativas e das fontes utilizadas.” Feita esta contextualização, nas próximas seções apresentamos os resultados iniciais das pesquisas, que se encontram em andamento.

Narrativas infantis e produção de sentidos em espaços educativos não escolares

A primeira investigação, desenvolvida a partir do plano de trabalho do Pibic “Processos educacionais em espaços escolares ou não escolares”, busca compreender como as crianças produzem sentidos sobre diferentes aspectos da vida social durante as brincadeiras realizadas na Brinquedoteca da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Fundamentada na Pesquisa Biográfica em Educação, a pesquisa parte do entendimento de que as narrativas infantis constituem importantes fontes para compreender a forma como as crianças interpretam o mundo e atribuem significados às experiências que vivenciam em seus diferentes contextos de vida. Nessa perspectiva, as brincadeiras deixam de ser compreendidas apenas como momentos de lazer e passam a ser reconhecidas como espaços em que as crianças expressam opiniões, conhecimentos, sentimentos e reflexões sobre a realidade.

Para a produção das narrativas das crianças, a bolsista Pibic passou a integrar o projeto de extensão “Brinquedoteca Aberta da UFMS”, participando como monitora, duas vezes por semana, das atividades deste espaço, que incluem o planejamento e a execução de propostas lúdicas para crianças na faixa etária dos 5 a 10 anos. Assim, os momentos de brincadeiras, leituras literárias, rodas de conversa, desenho, pintura e jogos, entre outros, foram utilizados como oportunidade singular para escuta das narrativas das crianças, tanto espontâneas – que eram anotadas em diário de campo – quanto motivadas pela pesquisadora em rodas de conversa mediadas.

Destacamos que, apesar de as crianças que participam da Brinquedoteca possuírem autorização, assinada pelos responsáveis, para uso de imagem e participação em pesquisas, consideramos, com base em Rita de Cássia Marchi (2018, p. 737), que as crianças “[...] têm o direito de serem informadas sobre as pesquisas que as têm por tema”. Dessa forma, foi informado às crianças da Brinquedoteca, em uma linguagem acessível, sobre os objetivos da pesquisa, solicitando seus consentimentos (oralmente).

Em todo o processo de produção das fontes, procuramos realizar uma pesquisa “com” crianças, e não “sobre” crianças. Essa postura ética resultou em narrativas que demonstram o quanto as crianças são sujeitos sociais capazes de interpretar criticamente acontecimentos que fazem parte do cotidiano. Como exemplo, citamos uma atividade de produção oral coletiva – uma criança iniciava uma história e as demais davam continuidade ao enredo – em que foi criada a narrativa de uma abelhinha trabalhadora. Durante a história, as crianças afirmaram que a personagem “não teria aposentadoria no INSS”, precisava de “remédio de ansiedade” e que, ao procurar seus direitos,

⁷⁴ Seguindo um movimento que busca dar visibilidade às mulheres na Ciência, utilizamos o nome completo dos autores e autoras na primeira vez em que são citados.

descobriu que “não tinha vale alimentação”. Em outro momento, as demais personagens passaram a chamá-la de “CLT, CLT, CLT”, enquanto a abelhinha buscava atendimento no SUS. Esses elementos evidenciam como as crianças incorporam questões relacionadas ao trabalho, aos direitos sociais e às políticas públicas em suas narrativas, reinterpretando temas do universo adulto por meio da imaginação e da brincadeira.

A narrativa construída pelas próprias crianças materializa o que a Sociologia da Infância tem apontado: elas observam acontecimentos presentes em seu cotidiano e os ressignificam por meio da imaginação. Mais do que reproduzir falas de adultos, elas demonstraram capacidade de interpretar a realidade social e atribuir novos sentidos às experiências vividas.

As observações realizadas ao longo da pesquisa também evidenciaram a importância de se construir um espaço educativo que ofereça oportunidades de participação, autoria e diálogo, bem como, quando se oferece escuta ativa ao que dizem, o quanto as narrativas infantis espontâneas nos ajudam a compreender as experiências vividas pelas crianças.

Em diferentes momentos, temas relacionados à família, ao trabalho, à escola e às relações de amizade surgiram espontaneamente durante as brincadeiras, reforçando que esses espaços favorecem a expressão das interpretações que as crianças constroem sobre o mundo social. Os exemplos apresentados a seguir ilustram como essas temáticas emergiram das narrativas produzidas pelas próprias crianças durante a pesquisa. As narrativas evidenciaram diferentes formas de compreender a escola. Enquanto algumas crianças a associaram aos processos de aprendizagem, outras enfatizaram as relações e experiências vividas nesse espaço. Uma das crianças afirmou que “a escola é um lugar para aprender e ler livros”. Por outro lado, entre as crianças menores, a escola foi definida principalmente como um espaço de brincar. Algumas responderam simplesmente que “a escola é brincar”, “um lugar de se divertir” ou “o lugar de brincar no parquinho”, indicando que, para elas, a experiência escolar está fortemente associada às interações lúdicas. Outra criança destacou que a escola é “um lugar de fazer amigos”, mas também criticou a organização do recreio ao afirmar que “o recreio só dura 10 minutos [...] ou eu como ou eu jogo”. Em outra narrativa, um dos participantes definiu a escola como “uma prisão”, justificando que “a professora manda muitas tarefas” e que “me sinto preso”.

As relações de amizade também apareceram de forma recorrente nas narrativas. Ao ser questionada sobre uma amizade construída na escola, uma criança respondeu: “Começou com a gente brincando, ela é minha melhor amiga”. Em outro momento, outra criança afirmou que seu momento preferido na escola é “a hora do lanche, porque gosto de conversar com meus colegas”. Esses relatos evidenciam que, para além da aprendizagem dos conteúdos escolares, a convivência e os vínculos estabelecidos entre os pares ocupam lugar central nas experiências infantis e influenciam a forma como as crianças atribuem sentidos à escola. Esses relatos reforçam que, para as crianças, a escola não é compreendida apenas como espaço de aprendizagem formal, mas também como lugar de convivência, construção de vínculos e produção de experiências significativas.

Por outro lado, isso nos faz questionar: o espaço escolar tem favorecido essas oportunidades? Os professores têm ouvido o que as crianças têm a dizer? A cultura escolar – não raro, voltada ao desenvolvimento de competências e habilidades, conteudista, pautada na lógica da disciplinarização dos corpos – tem silenciado suas vozes? Ou, quando são ouvidas, será que o que dizem é levado em consideração? Tais questionamentos excedem aos objetivos do presente texto, mas são pontos de reflexão que serão considerados até a finalização desta pesquisa.

Até o momento, observou-se que durante diferentes momentos de brincadeira, elas comentavam situações vivenciadas em suas instituições de ensino, manifestando percepções sobre regras, rotinas, relações com professores e colegas e formas de organização do cotidiano escolar. Em vez de reproduzirem apenas acontecimentos, as crianças avaliavam essas experiências, expressavam preferências, apresentavam críticas e comparavam diferentes contextos educativos. Essas narrativas

revelam que a infância é marcada por processos permanentes de interpretação da realidade e reforçam a compreensão de Willian Corsaro (2011), ao evidenciar que as crianças interpretam criativamente o mundo social do qual participam, e de Manuel Jacinto Sarmento (2004), para quem elas produzem culturas próprias, elaborando modos particulares de compreender e representar a realidade.

Os resultados obtidos demonstram que a escuta atenta às narrativas infantis permite acessar dimensões da experiência das crianças que dificilmente seriam identificadas apenas por meio da observação das brincadeiras. Ao narrar, imaginar e criar personagens, elas revelam conhecimentos, valores, preocupações e formas de interpretar a sociedade, evidenciando o potencial da Pesquisa Biográfica em Educação para compreender a infância a partir da perspectiva das próprias crianças.

Memória, narrativa e educação escolar indígena

A segunda investigação, desenvolvida no eixo “Memória e história da educação e de instituições educativas”, tem como objetivo compreender a trajetória histórica da Escola Municipal Indígena Alexina Rosa Figueiredo, localizada na Aldeia Buriti, em Dois Irmãos do Buriti, MS. Fundamentada na Pesquisa Biográfica em Educação, a investigação utiliza entrevistas narrativas como principal procedimento metodológico, reconhecendo a memória oral como importante fonte para a reconstrução da história da educação escolar indígena.

Assim como Ecléa Bosi (1987, p. 38), que afirma que em sua pesquisa, que resultou na obra “Memória e sociedade: lembranças de velhos”, ela foi “[...] ao mesmo tempo sujeito e objeto. Sujeito enquanto indagávamos, procurávamos saber. Objeto enquanto ouvíamos, registrávamos, sendo como que um instrumento de receber e transmitir suas lembranças”, nessa pesquisa há também uma dimensão autobiográfica, uma vez que a pesquisadora tem sua trajetória de vida profundamente vinculada à escola investigada, sendo, dessa forma, “sujeito e objeto” da pesquisa.

A bolsista do Pibic que desenvolve essa pesquisa cursou todo o Ensino Fundamental na instituição e pertence a uma família que participou diretamente de sua história. Seu avô atuou durante muitos anos como professor leigo de língua materna Terena; sua mãe trabalhou como merendeira; e seus tios exerceram a docência na escola, entre eles Gerson Pinto Alves, que atuou como diretor da instituição entre os anos de 2008 e 2016.

Em conversa realizada durante a pesquisa, Gerson relatou que, em sua gestão, a escola já contava com professores formados e buscava fortalecer a valorização da cultura Terena por meio das práticas educativas. Atualmente, ele e outra tia da pesquisadora continuam atuando como docentes na instituição. Esse vínculo familiar e comunitário favoreceu a aproximação com os participantes da pesquisa e contribuiu para a construção de um ambiente de confiança durante a produção das narrativas.

A Escola Municipal Indígena Alexina Rosa Figueiredo recebeu esse nome em homenagem a Alexina Rosa Figueiredo, avó de Edite Alcântara, uma das entrevistadas da pesquisa. Alexina foi uma das primeiras mulheres indígenas da Aldeia Buriti e é lembrada pela comunidade por sua contribuição para a história local e pelo respeito conquistado entre as famílias Terena. A escolha de seu nome para denominar a escola representa uma forma de preservar sua memória e reconhecer sua relevância para a comunidade, reafirmando o compromisso da instituição com a valorização da história, da cultura e da identidade do povo Terena.

Participaram da pesquisa dois colaboradores que possuem forte relação com a história da instituição. A primeira entrevistada foi Edite Alcântara, de 74 anos, anciã da comunidade, avó da pesquisadora e neta de Alexina Rosa Figueiredo. Reconhecida como guardiã da memória da Aldeia Buriti, compartilhou narrativas sobre a história da comunidade, da escola e de sua família. Ao iniciar a entrevista, apresentou-se dizendo: “Eu me chamo Edite Alcântara, tenho 74 anos e nasci aqui mesmo na Aldeia Buriti [...] Eu cresci vendo nossa comunidade mudar, crescer, mas também lutando

para manter nossas tradições.” Essa afirmação evidencia o lugar de pertencimento a partir do qual reconstrói suas memórias ao longo da narrativa.

Embora não tenha exercido a docência, acompanhou de perto a atuação de seu esposo como professor leigo de língua materna Terena, além de desempenhar papel fundamental no fortalecimento da família, oferecendo condições para que seus filhos e netos tivessem acesso à escolarização e à formação profissional.

O segundo entrevistado foi o professor Noel, de 95 anos, formado no curso de Magistério e atualmente aposentado. Reconhecido como um dos primeiros professores indígenas da comunidade com formação docente, foi convidado pela Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai) para atuar na Escola Municipal Indígena Alexina Rosa Figueiredo em um período em que já se exigia formação específica para o exercício da docência nas escolas indígenas. Diante da necessidade de preservar o ensino da língua materna Terena, o professor Noel indicou o avô da pesquisadora para atuar como professor de língua materna. Mesmo sem formação específica, ele dominava a língua Terena e os conhecimentos tradicionais de seu povo, sendo reconhecido pela comunidade como professor leigo e dedicando muitos anos ao ensino da língua indígena. O professor Noel permaneceu em atividade na escola até 2010, quando se aposentou, deixando importante contribuição para a consolidação da educação escolar indígena na Aldeia Buriti.

As entrevistas foram realizadas na própria comunidade, usando a técnica de entrevista narrativa (Schütze, 2014), permitindo que os colaboradores reconstruíssem livremente suas memórias e experiências relacionadas à escola e à comunidade. Os encontros foram gravados, mediante autorização dos participantes, e posteriormente transcritos para análise. Além das gravações, foram produzidos registros em diário de campo, nos quais a pesquisadora anotou impressões, contextos e aspectos observados durante os encontros, contribuindo para a análise compreensivo-interpretativa das narrativas.

Os resultados parciais da pesquisa evidenciam que as narrativas dos colaboradores ampliaram significativamente a compreensão sobre a história da Escola Municipal Indígena Alexina Rosa Figueiredo, revelando aspectos que não aparecem nos documentos oficiais. As memórias do professor Noel permitiram reconstruir sua trajetória até tornar-se professor, marcada por inúmeros desafios, perseverança e pelo compromisso com a educação de seu povo.

Em seu relato, recordou que antes de ingressar na docência trabalhou em uma marcenaria e serviu ao Exército. Foi nesse período que tomou conhecimento da existência de bolsas de estudo para formação em Magistério em um internato localizado no estado de São Paulo: “Naquele tempo eu trabalhava na marcenaria e também servi no quartel. Foi lá que um amigo me falou que em um internato de São Paulo estavam dando bolsa para quem queria fazer magistério. Eu sempre sonhei em ser professor e decidi que iria tentar.” Ao narrar essa experiência, destacou as dificuldades enfrentadas para chegar ao local da seleção, explicando que viajou com poucos recursos financeiros e, por desconhecer a cidade, chegou somente após a realização da prova. Mesmo assim, decidiu conversar com o reitor do internato, que lhe permitiu permanecer até a próxima seleção. Segundo o professor, “aquilo foi uma oportunidade que mudou a minha vida.”

Posteriormente, enquanto aguardava a abertura do curso de Magistério no período noturno, cursou Contabilidade e trabalhou no próprio internato, mas afirmou que, quando surgiu a oportunidade de estudar Magistério, “o meu sonho era ser um professor qualificado.” Seus relatos demonstram que sua formação docente representou uma conquista não apenas individual, mas também coletiva, fortalecendo a educação escolar indígena na comunidade. Sua narrativa evidencia que o acesso à formação docente exigiu deslocamentos, persistência e a superação de inúmeras dificuldades, aspectos que ajudam a compreender a trajetória dos primeiros professores indígenas formados e o processo de consolidação da educação escolar indígena na Aldeia Buriti.

As narrativas de Edite Alcântara evidenciaram a importância das famílias na construção da escola e na preservação da cultura Terena. Ao recordar sua infância, a colaboradora destacou que “não tinha escola como tem agora. A gente aprendia com os mais velhos, com os pais, com os avós. Eles ensinavam tudo: como plantar, como caçar, como respeitar a natureza, como viver em comunidade.” Em seguida, ressaltou que “a nossa língua era muito falada, e até hoje eu falo e ensino pros meus netos.” Esses relatos demonstram que, antes da consolidação da escola indígena, os processos educativos aconteciam principalmente no âmbito familiar e comunitário, evidenciando a centralidade da oralidade e da transmissão intergeracional dos saberes tradicionais.

Ao rememorar a atuação de seu esposo como um dos primeiros professores da comunidade, afirmou que “no começo foi muito difícil, porque não tinha estrutura [...] mas ele sempre dizia que era importante ensinar as crianças, tanto as coisas da escola quanto a nossa cultura. Ele ensinava na língua indígena também.” A narrativa evidencia que, desde seus primeiros anos, a escola buscava articular os conhecimentos escolares com a valorização da língua e da cultura Terena, mesmo diante das dificuldades estruturais enfrentadas naquele período. Ao refletir sobre a escola na atualidade, Edite afirmou: “Hoje tem mais materiais, mais professores, mais apoio. Mas eu sempre digo que não pode esquecer da nossa cultura. A língua, os costumes, as histórias... tudo isso precisa continuar dentro da escola.” Sua narrativa evidencia que a escola passou a ser compreendida como um importante espaço de fortalecimento da identidade cultural, desde que mantenha viva a memória e os saberes tradicionais do povo Terena.

Os resultados reforçam a importância da memória oral como fonte de pesquisa em Educação. As experiências narradas pelos colaboradores não apenas registram acontecimentos históricos, mas também revelam os significados atribuídos à escola por aqueles que participaram de sua construção. Conforme discutem Franco Ferrarotti (2014) e Schütze (2014), as narrativas permitem compreender a relação entre trajetórias individuais e processos sociais mais amplos, evidenciando como os sujeitos interpretam e atribuem sentido às experiências vividas. Para a pesquisadora, o desenvolvimento do estudo também contribuiu para o fortalecimento de sua própria identidade, ao possibilitar uma compreensão mais aprofundada da trajetória de pessoas que participaram da construção da educação escolar indígena na Aldeia Buriti.

Além de alcançar os objetivos propostos pela pesquisa, essa experiência evidenciou a importância da memória oral como patrimônio histórico e cultural. Nesse processo, a mensagem deixada por Edite sintetiza o compromisso da educação escolar indígena com a preservação da identidade do povo Terena: “A escola é importante, mas não pode ensinar só coisa de fora. Tem que ensinar quem a gente é. Se a gente esquecer isso, a gente perde nossa identidade.”

Considerações Finais

As duas pesquisas apresentadas neste resumo expandido evidenciam as contribuições da Pesquisa Biográfica em Educação para a compreensão de diferentes contextos e sujeitos educativos. Embora desenvolvidas em espaços distintos e com temáticas específicas, ambas demonstram que as narrativas constituem importantes fontes para a produção do conhecimento em Educação, pois permitem acessar experiências, memórias e interpretações construídas pelos próprios participantes da pesquisa.

Na investigação realizada na brinquedoteca universitária, as narrativas infantis revelaram que as crianças interpretam a realidade social, produzem sentidos sobre suas experiências e expressam, por meio das brincadeiras, compreensões sobre diferentes aspectos do cotidiano. Já na pesquisa desenvolvida na Aldeia Buriti, as entrevistas narrativas possibilitaram reconstruir a história da Escola Municipal Indígena Alexina Rosa Figueiredo a partir das memórias de sujeitos que participaram diretamente desse processo, evidenciando a importância da oralidade na preservação da história, da cultura e da identidade do povo Terena.

Ao aproximar essas duas investigações, foi possível compreender que a Pesquisa Biográfica em Educação amplia as possibilidades de investigação ao reconhecer crianças, anciãos, professores e demais atores educacionais como sujeitos capazes de produzir conhecimentos sobre suas próprias experiências. Assim, as narrativas revelam dimensões da realidade que dificilmente seriam identificadas apenas por meio de outras fontes de pesquisa, contribuindo para uma compreensão mais sensível dos fenômenos educativos.

Por fim, destaca-se a importância da participação no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (Pibic) e no Grupo de Estudos e Pesquisa em Narrativas Formativas (Gepenaf) para a formação das pesquisadoras. A inserção em atividades de pesquisa tem possibilitado o aprofundamento teórico e metodológico, bem como a aproximação com diferentes realidades educacionais. Como limitação, ressalta-se que ambas as investigações ainda se encontram em desenvolvimento, de modo que os resultados apresentados possuem caráter parcial e poderão ser ampliados com a continuidade das produções e análises das narrativas. Espera-se que o prosseguimento das pesquisas possibilite aprofundar a compreensão sobre as experiências das crianças na Brinquedoteca da UFMS e ampliar a reconstrução da história da Escola Municipal Indígena Alexina Rosa Figueiredo, contribuindo para novas investigações no campo da Pesquisa Biográfica em Educação. Essas experiências reforçam o potencial dessa abordagem para compreender diferentes fenômenos educativos a partir das narrativas dos sujeitos. Ao reconhecer crianças, anciãos, professores e demais participantes como produtores de conhecimento, esse método amplia as possibilidades de investigação e contribui para uma compreensão mais sensível e contextualizada da realidade educacional.

Referências

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CORSARO, William A. **Sociologia da infância**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

FERRAROTTI, Franco. **História e histórias de vida: o método biográfico nas ciências sociais**. Tradução de Carlos Eduardo Galvão e Maria da Conceição Passeggi. Natal: EDUFRN, 2014.

MARCHI, Rita de Cássia. Pesquisa etnográfica com crianças: participação, voz e ética. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 43, n. 2, p. 727-746, abr./jun. 2018.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. *In*: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz (org.). **Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação**. Porto: Asa, 2004. p. 9-34.

SCHÜTZE, Fritz. Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. *In*: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (org.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 210-222.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. **Educação**, Santa Maria, v. 39, n. 1, p. 39-50, jan./abr. 014.